



A inteligência do Social à luz do Evangelho

A doutrina de Pai Américo que recordámos no número anterior e viu a luz dos prelos no *Correio de Coimbra* quando ainda não existia O GAIATO, tem, pois, 54 ou 55 anos de escrita e alguns mais de pensada... e é plena de actualidade passado este meio século — desgraçadamente!

Mais do que bondoso, daquela bondade-zinha sentimental que choraminga perante os dramas alheios e se fica por aí, Pai Américo tinha a inteligência do social e tinha-a à luz do Evangelho: «*Não se deita vinho novo em odres velhos*». Se queremos guardar o vinho, *envelhecê-lo*, apurá-lo, tratemos primeiro das vasilhas que, rotas ou em risco de romper-se, não servem para nada: vão-se elas e vai o vinho.

É preciso ir à raiz dos problemas

Um remedeio às desgraças não basta; é preciso ir à raiz delas e aí, sim, atacar o mal e evitar a sua multiplicação. De contrário, por mais que façamos, temos sempre mais para fazer, que as ervas ruins crescem com uma vivacidade que a semente boa, só por si, não alcança.

Não se pensa nem se age assim neste mundo de *compartimentos estanques* em que vivemos. Quem trata dos odres, trata dos odres... Quem mete o vinho, mete o vinho... E que se lhe dá que os odres estejam rotos ou a romper-se?... A culpa é do outro... Este fez o que tinha a fazer e fica-se na sua *boa* consciência. E o vinho perde-se, cada vez se perde mais. É assim neste mundo de *compartimentos estanques* e de hipocrisia e de desperdício. A selva que os civilizados constroem ou deixam crescer

a esmo, é bem mais densa, é teia mais insofribel e aprisionante que todos os Amazonas que ainda existem em estado puro.

As causas que produzem o risco andam à solta

Na área da criança em risco, como ora se diz, é o que acontece. Muitos estudos, muitas reflexões, muitas receitas de remedeio... e as causas que produzem o risco, essas andam à solta, ninguém lhes deita a mão. Fazer um filho e abandoná-lo é acto de livre cidadania. Quem estorva?, quem persegue?, quem penaliza?

Ontem fui perto de Guimarães e levei por companheiros dois irmãos que vieram do famosíssimo S. Torcato de muitas romarias. Uma visita às origens.

Vizinhas apareceram e ciceronaram. O barraco onde os pequenos viviam com uns tios, cafu depois que estes desapareceram para outras paragens. Da mãe também ninguém sabia. Dos pais de cada um, ainda menos. Já agora melhor que não apareçam, a menos que um milagre de conversão acontecesse nestas vidas desordenadas.

Custa a crueza destes quadros

Os três irmãozinhos que chegaram estes dias (6, 8 e 9 anos) movidos pela dor de uma Empregada de Escola Primária de Gaia que a contagiou ao nosso Waldemar, têm mais duas irmãs adolescentes que o COAS recebeu (Deus queira não tarde demais!) e um irmão de 18 anos que tem sido o verdadeiro chefe de família. Com ele tratei como tal. Da mãe não se sabe desde 1991. O pai

Continua na página 3



Dois felizes gaiatos moçambicanos

TRIBUNA DE COIMBRA

Dia Mundial da Criança

A VIZINHA-SE a celebração do Dia Mundial da Criança. Como Casa do Gaiato, devotados que somos ao seu bem, não queremos deixar de recordar este dia embora, para nós, todos os dias sejam da criança.

Somos uma pequena gota de bem-fazer neste vasto campo de ajuda à criança. Tanto mais, temos consciência disso, quanto mais sabemos dos graves problemas que afectam milhões delas em todo o Mundo. E sabemos que não precisamos de sair, até, do nosso pequeno País para verificarmos situações flagrantes.

Os nossos mais pequeninos são quatro adoráveis crianças. O Rui tem vinte e dois meses. Carlitos, quatro anos. Com os mesmos, o Ivinho. Com quase seis, o «Vitinho». Vão todos os dias à creche da Vila. Saem de manhãzinha — aliviando assim o trabalho e atenção das senhoras que os cuidam — e regressam à tarde a Casa, felizes.

É o seu Lar. Lar que jamais poderão negar pela vida fora, já que os verdes anos da infância marcam o homem para toda a vida. Contudo, conheço a família de todos, até onde foi possível saber de laços de sangue. Sei que o infortúnio e males que estigmatizam o nosso tempo os fizeram nossos. Falta de habitação condigna, os sub-mundos da droga e os braços caídos até ao chão dos seus progenitores os fazem marcadamente nossos.

É o que de mais belo há no Mundo!

Uma criança é o que de mais belo há no Mundo! Hoje há tanta atenção e cuidado por elas. Nenhum poder, com efeito, perde ocasião de o manifestar. Mas há tantos casais sem filhos, tantos «palácios» ajardinados vazios, tanta legislação aparentemente infrutífera se a compararmos bem com a realidade que nos cerca.

Temos, cá em Casa, vários casos de irmãos de famílias numerosas. O nosso Carlitos e o Rui, ambos têm nove irmãos, gerados em casas tão pequeninas e sem condições.

O Dia Mundial da Criança merece que o reflectamos na família, na organização da sociedade, na Igreja. Na génese do abandono de muitas crianças há muita responsabilidade que tem de ser repartida. Não são apenas os progenitores, os únicos.

O exacerbado número de crianças abandonadas que se verifica, manifesta que a nossa sociedade está doente nos seus valores mais profundos e sublimes; ao nível do respeito pelos mais indefesos e fracos.

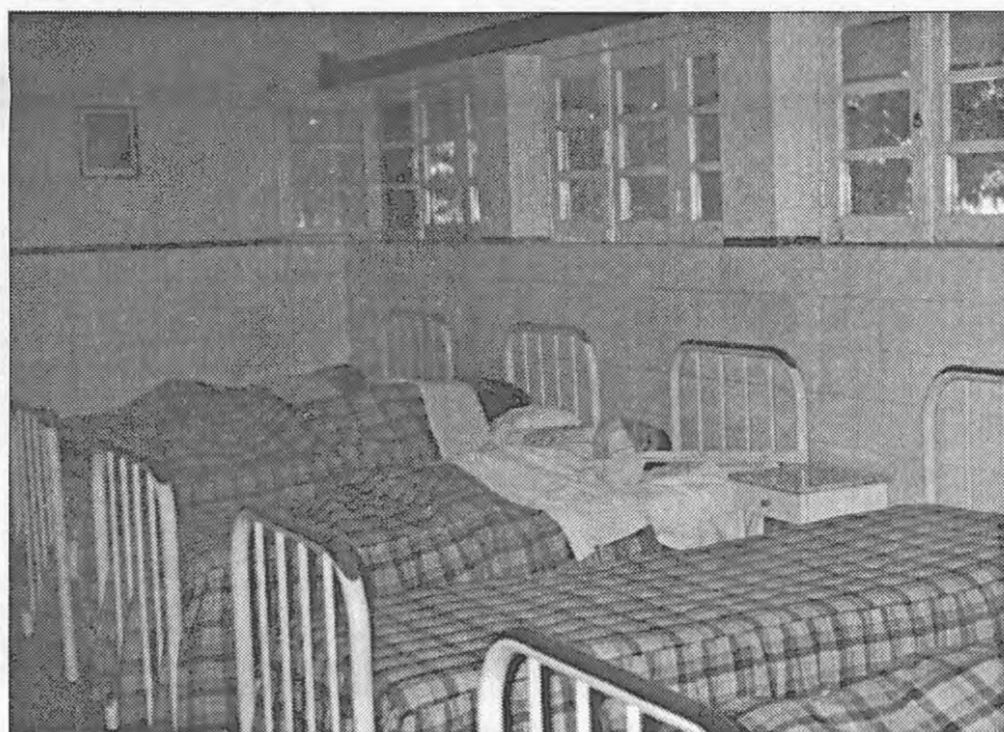
Um dos mais novos, cá em Casa, e ainda com os olhos e coração no drama que se abateu sobre os pais, confidenciou-me, há pouco: «*Maldito dia em que os meus pais guardaram 'aquilo' em casa...!*» Eles os mais pobres e sofredores apanhados na terrível teia da droga. Um desabafo a acrescentar a tantos que ficam escondidos na alma de uma criança num dia que lhe é dedicado.

Padre João

Calvário

ESTAS vidas escondidas a apagam-se dolorosamente, mostram-me a Pessoa de Cristo que hoje continua a sofrer... É Ele quem aqui está presente. Todo o mistério do Calvário aqui se prolonga. Este Calvário é uma página viva do mistério de Cristo redentor. Estas vidas tão serenas diante da enfermidade, da doença incurável, tão certas da morte e do Além, onde irão encontrar-se com Cristo, falam-me calmamente da Esperança como a grande força que gera optimismo, alento, fortaleza.

Padre Baptista



Conferência de Paço de Sousa

MISÉRIA — Hoje, que o Mundo é uma aldeia global, a razão dela é mais complexa do que a tradicional.

Um caso: em nossos ouvidos ressoam os lamentos e a emoção dum vicentino comovido com a situação de um idoso (que procura manter, aparentemente, uma certa compostura) prostrado com as carências da sua injusta pensão de reforma. Tem-lhe valido o prego, que sugará o aforro que resta. Mal vai o mundo quando a dita classe média sofre necessidades! E não é preciso grande poder de análise ou rotação de seminarite — basta a tarimba de se dar a mão aos Pobres — para nos certificarmos que algo está mal e precisa de remédio.

Relativamente aos estratos habitualmente necessitados, que pode a gente dizer daquela mãe que suplica ajuda para cumprir honestamente o pesado custo mensal da sua renda de casa? Neste aspecto, às vezes, surgem necessidades imperiosas. Como a daquele homem que, por acidente, ficará inativo dum braço, infelizmente. Ele que no mercado de trabalho era praticamente um indiferenciado. Ora a esposa viu-se forçada a trabalhar, algures, no grande Porto, em troca de pequenina jorna que minimiza o sustento do lar; e os nossos Leitores colaboram generosamente no aluguer da moradia e em tudo o mais. Ela é uma «das mulheres sábias das quais fala a Escritura em diversos lugares, capazes de prever e prover às mais diferentes necessidades da família e exigências da vida», segundo afirmou o arcebispo de Palermo (Itália), na peregrinação de Maio, em Fátima.

Que há-de a gente dizer de outros auxílios prestados discretamente aos Pobres, especialmente doentes, idosos, pensionistas...? Também aos Autoconstrutores no fecho do telhado de suas casas em construção, repositórios de tantas restrições! E até ajudamos a pagar enterros. Despesas insuportáveis para os mais pobres. Como quem diz: — Já não se pode morrer...!

PARTILHA — Setúbal: «Avó dos cinco netinhos» com «a modesta contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referente a Abril».

Vila Nova de Gaia: 5.000\$00 da assinante 1121 «para onde for mais necessário».

Assinante 16696, de Pinhal Novo, também com cinco mil, pedindo discreta menção nesta coluna. Aqui está.

Mais vinte dólares canadianos, da assinante 32217: «Pequena migalha para quem precisar. Os Pobres são tantos e tão pouco se faz por eles!» — exclama, finalmente.

Outros cinco mil, do assinante 42971, de Ovar: «Distribuem como melhor entenderem pelos Pobres da vossa Conferência, pelos mais necessitados e mais envergonhados. Deus e Nossa Senhora sabem quais as minhas intenções. Não precisam de agradecer».

Lisboa: a assinante 49647, com «saudações fraternas e

Pelas CASAS DO GAIATO

amigas», destina «o excedente da cota anual d'O GAIATO — insignificante mas carinhosa migalha — à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — Estão a preparar os campos para o milho. Na horta, plantaram cebolas e, agora, tiram as ervas.

CARAS NOVAS — No dia 7 de Maio vieram mais três irmãos, de Vila Nova de Gaia: o Luís, o Rogério e o Cláudio. Esperamos que consigam habituar-se ao clima destes lados!

TEMPO — Está um bocadinho mau. Julgava que teríamos o Verão aí à porta e de um momento para o outro têm vindo umas boas chuvadas.

VISITAS — Recebemos bastantes nos fins-de-semana. Também durante os dias úteis. Pois continuem assim para que todo o mundo conheça a Obra da Rua.

OBRAS — Os trolhas estão na casa 4 de cima a pintar as nossas camaratas, a sala, o sótão e os wc.

POMAR — Há outra gansa a chocar! Os gansinhos que nasceram estão grandinhos.

«Cato»

FUTEBOL — É o desportorrei em nossa Casa. A malta joga à bola em quase todo o lado: nos pátios das casas, frente à Capela, no pátio do refeitório e da escola, etc. Mas só nas horas de lazer e nos recreios das aulas. Sabe tão bem dar uns chutos na «redondinha»!

Quanto ao torneio, está a chegar ao fim.

No dia 7 de Maio, defrontámos o F. C. de S. Lourenço (Paço de Sousa). Este jogo pareceu mais uma batalha

campal. Houve muita injustiça da parte do árbitro e seus companheiros. Muitos cartões amarelos e alguns vermelhos. Foi muito vergonhoso ver aquela palhaçada.

Resultado final: 3-4. Perdemos injustamente!

Em 14 de Maio, defrontámos o F. C. Bairros (Paço de Sousa). Neste encontro já houve mais espectáculo em quase tudo. A equipa de arbitragem razoavelmente melhor que no jogo anterior.

O jogo correu muito bem e houve golos para todos os gostos. Resultado final: 8-0. Não demos quaisquer chances ao adversário. Com esta vitória garantimos ser os campeões do torneio, mesmo faltando um jogo para terminar.

Parabéns à equipa e ao técnico, pelo trabalho que demonstraram e firmeza que tiveram durante o torneio.

Repórter X

TOJAL

FESTAS — Já vamos a meio da tournée. A nossa Festa em Loures correu muito bem. Fomos muito bem recebidos. As pessoas gostaram muito de nos ver actuar. Em Odivelas correu tudo também da melhor forma com um público maravilhoso. Esperemos continuem assim até ao fim dos nossos espectáculos. Muito obrigado.

JARDINS — Estão alegres como nunca. Cada vez mais expressivos pelas suas cores e mais novos pelo seu brilho. Está a chegar a época do calor e necessitarão de regas para que não percam o seu encanto.

FUTEBOL — Continuamos com um bom ritmo. Estamos à espera que acabem as aulas e o estudo para que possamos praticá-lo mais vezes, nos fins-de-semana e nas horas livres.

OFERTAS — A Modis tem-nos sempre dado muita fruta e legumes. Outras

empresas, também. É muito bom. Sabe bem uma peça de fruta à sobremesa de qualquer refeição. Gostamos também de receber roupa, calçado, brinquedos, material escolar e outras coisas mais.

PRIMAVERA — Estação de mil encantos com passarinhos a voar de árvore em árvore, crianças a brincar de jardim em jardim. É nesta estação que existe maior alegria e encanto e são as flores que dão esse encanto e alegria à Primavera.

AGRICULTURA — Temos grandes laranjais, batata, fava e outras árvores de fruto. Temos hortas com legumes: couve-flor, couve, cebola, alface e cenoura. Isto é o mais que nos oferecem dá para alimentar o pessoal.

EXCURSÕES — Recebemos muitas, durante os dias úteis e também nos fins-de-semana, de vários pontos do País. Gostamos das coisas que nos trazem. Assim, a Obra da Rua fica mais conhecida.

OBRIGAÇÕES — Cá em Casa todos e cada um tem a sua obrigação, desde o mais pequeno ao mais velho. Da vacaria às pocilgas, lavagem da loiça, etc. É aqui que se aprende a escola da vida para, quando formos mais velhos, nos saibamos desenrascar.

Joaquim Miguel F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ultimamente as nossas visitas são mais frequentes aos dois irmãos que vivem junto ao tabuleiro inferior da ponte D. Luís, lado de Gaia. Devido às dificuldades da vida de hoje, sentem-se marginalizados. É de arrepiar, quando ouvimos o mais velho. Revolta estampada no rosto, que não se conforma com a situação. Estamos

bastante preocupados, não só com estado deles mas, sobretudo, com o das crianças.

Vivem num barraco sem água nem luz, em uma área pouco mais de 15 m², dividido ao meio por um tapamento. Em ambos os lados há um sofá-cama que mal pode abrir, um fogão e um balde para as necessidades fisiológicas. A aflição do mais velho, na ânsia de ganhar mais algum espaço, levou-o a fazer um buraco no chão. Queria fazer uma retrete aonde se pudesse lavar e dar banho às duas meninas, uma de dezanove, outra de três meses. Eles precisam de ajuda. Só assim se poderá recuperá-los para se tornarem úteis. Um amigo sensibilizou outros e ajuda na construção de uma habitação mais digna. Temos a promessa de quase todo o material para a construção e

também a quase totalidade da mão de obra. Muito em breve começarão as obras. Mas não é o suficiente. Feitas as contas faltam à volta de 1.000 contos. Só com a vossa ajuda poderemos dignificar aqueles dois irmãos, ou seja, aquelas duas famílias divididas por um tapamento de madeira.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónima, dez mil escudos. Lisboa com mil escudos. Rua Anselmo Braancamp, Porto, cinco mil. Em vale do correio, dez mil escudos. Da Póvoa de Varzim, anónima com mil escudos.

M. Luz, dez mil escudos. Outro tanto, da Rua do Campo Lindo, Porto: «Como anónimo remeto o meu cheque de vinte e cinco mil escudos que se destina aos vossos Pobres». Braga, dois mil escudos em cheque, para ajuda da máquina de lavar. M. Marques, cinco mil. Seixal: «Interessada de longa data sobre a Conferência, e de tudo quanto diz respeito aos mais pobres, leio sempre no vosso jornal o que lá se escreve sobre isso. Envio dez mil escudos para ajuda de alguém aflito».

«Junto um pequeno donativo para os mais carenciados e que por mistérios da Providência estão também a meu cargo, são meus irmãos em Cristo; e se eu tenho mais, terei que repartir com os que menos têm.» Cinco mil, de M. José, de Gaia.

Obrigado pela ajuda que dão aos Pobres.

Adelaide e Zé Alves

O carinho dos rapazes

SOU o Padre Manuel Kalemba, vindo da Casa do Gaiato de Benguela, Angola, ordenado há 4 meses. Estou agora a passar pelas Casas do Gaiato e encontro-me na de Lisboa desde 24 de Abril de 1995.

Aqui, a minha experiência tem sido cheia do carinho dos rapazes, desde que cá entrei, vindo do aeroporto aonde o Padre Cristóvão me foi buscar. Chegaram-me de todos os cantinhos da casa rapazes de diversas idades saudando e querendo saber algo de Angola e da nossa Casa que está em Benguela.

Logo à minha chegada foi o «Buda» e outros a arrumarem-me o quarto. Montaram af um rádio e o despertador acertado, já conforme o horário. Depois, veio o Nuno. Conversámos muito e gostei. Vieram os mais pequenos: o Gentil, o Carlos e outros. Agora são as voltas e passeios, que eles me dão, para conhecer Lisboa, ora com o Eduardo, ora com o José. Os rapazes levam-me para todos os cantos. Mostram-me tudo em Lisboa e arredores. Levaram-me à nossa casa de férias, à escola onde alguns deles estudam, e visitámos também os monumentos e lugares de interesse... Que dizer da estima dos adultos, os senhores e senhoras da Casa?! Do bom dia quase diário e simpático dos «Bata-tinhas» quando descem para o pequeno-almoço?!

Sexta-feira passada o senhor professor levou-me a Fátima. Coisa linda e inesquecível! Não podia ficar mais dias, pois queria assistir à Festa dos Gaiatos em Lisboa. Foi tudo muito bonito. Bem feito e muito comvente. Tudo espelhava nitidamente. Não só o empenho dos nossos rapazes, mas também a dedicação assídua das senhoras (actores discretos). Acredito que aquele prato gostoso servido no palco, foi preparado por elas e passou pelos inúmeros esforços e paciência do Padre Cristóvão. Por isso estão todos de parabéns.

Sigo para as nossas Casas do Norte. A experiência na de Lisboa, comoveu-me. A estima de todos e o carinho dos rapazes deixam-me sem palavras. Tudo isto lembra-me muitas vezes os rapazes de Angola que, no momento da minha partida para cá, poucos conseguiram conter as lágrimas. Para todos, de cá e de lá, um abraço amigo.

Padre Manuel Kalemba



Equipa do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

As crianças precisam de carinho

AS crianças têm necessidade de muito carinho. Se até os adultos têm...! A da rua, com ou sem família, em qualquer parte do mundo, será recuperada e entrará na vida normal, na medida em que for envolvida por um ambiente de calor humano semelhante ao que deve existir numa família sobre o amor, a unidade e a estabilidade.

Das famílias procurados, ultimamente, por duas procriadoras muito preocupadas com o comportamento de dois filhos. Descreveram a situação do seguinte modo: Não lhes faltam as coisas mínimamente necessárias; fogem de casa; não vão à escola; são agressivos para com os pais; fazem vida de crianças da rua.

Quis saber da situação familiar dos pais e foi-me dito que em casa, a nível de relações entre homem e mulher, era um verdadeiro campo de batalha. Os filhos crescem, desde pequeninos, neste ambiente cheio de agressividade, sem carinho, sem organização, sem aquela atenção a que todo o filho tem direito da parte dos pais. Sentámo-nos por algum tempo e fui explicando, tanto quanto fui capaz, a razão de ser de tal comportamento dos filhos, à luz do que me fora dito. As crianças, uma de dez anos e a outra de onze, estavam

BENGUELA

a ser colocadas injustamente no banco dos réus. Elas eram mais vítimas do que culpadas. Os verdadeiros culpados estavam à minha frente. Os pais iam ouvindo, com alguma admiração, que os filhos, desde pequeninos, eram autênticos gravadores de alta fidelidade. Vão apanhando tudo o que vêem e ouvem, como o gravador apanha a música. Depois... vão tocar a música que gravaram, à medida que cresceram. Foi o que aconteceu com estes filhos. Respiraram, na idade crítica da sua vida, um ambiente doentio. Vieram, depois, as consequências.

O comportamento dos pais repercute-se nos filhos

As crianças necessitam das coisas. Mais do que isso, necessitam de afecto. Antes de serem concebidas, durante o tempo da gestação e depois de virem à luz do dia, o segredo do seu equilíbrio está vitalmente dependente do cuidado com a sua dimensão afectiva. Constatámos que uma grande parte das crianças ditas da rua vivem na rua mas têm família. Aqui, em Angola, e, por

certo, noutros países acontece o mesmo. O seu abandono dá-se por falta de afecto.

Se assim é, o caminho certo para a reconstrução da pessoa que está nestes filhos passa necessariamente pela sua colocação numa casa onde se respire o ambiente mais próximo duma família normal.

Notamos esta sede de carinho nos que estão connosco. Que responsabilidade pesa sobre os nossos ombros! Quanta disponibilidade precisamos de ter! Como é possível acompanhar este tipo de crianças que não seja a tempo inteiro? Elas não-de encher o coração de quem se sente chamado para esta missão.

* * *

Demos início, finalmente, à construção do novo edifício escolar. Fizemo-lo confiados de que não nos não-de faltar os meios necessários na hora precisa. Continuamos a pensar que está na escola um dos alicerces da reconstrução de Angola. Os caminhos da paz vão-se abrindo lentamente. De todos os lados se ouvem as vozes dos grandes com promessas de investimento material. Queremos continuar no escondimento, ao lado do povo, sofrendo com ele, ajudando-o a levantar-se do estado de miséria em que caiu. Tudo o que temos e vamos conseguindo há-de ser canalizado para esse fim. Obrigado!

Padre Manuel António

DOCTRINA



Desabafos

COMO as pancadas que a gente apanha não são coisa que se dê a ninguém, eu costume guardá-las e nem sequer digo que as levo; que as tenho apanhado muitas vezes, de ricos e de pobres. Mais destes, muitíssimo mais, do que daqueles. Porém, hoje, fugindo à regra, quero narrar o que me aconteceu, há tempos, na capital do reino: Tinha ido ali pedir, conforme é meu costume e, no final da volta, lembrei-me de ir bater também às portas da Direcção-Geral da Assistência Pública. O nome seduziu-me, pela letra e pelo significado. Uma voz fagueira disse-me que o senhor daquele organismo havia de gostar imenso de ver e de ouvir um homem robusto e decidido, afeito ao Pobre do tugúrio e à miséria das ruas, qual marinheiro firme e tisonado nos ventos do mar.

SE as mãos de muitos senhores particulares acudiram às minhas, naquele dia, a bem do Pobre, mais e melhor, disse eu com os meus botões, acudirá a do senhor da Assistência Pública se eu lhe bater à porta que dá para o coração. Acariciado por este pensamento, dirigi meus passos para o Rato: — Que não; aqui somente se recebe quem pedir audiência por carta. — Eu não sabia, meu senhor, e sou de muito longe. — Não importa. V. mandou cartão? — Eu nem sequer tenho cartão, meu senhor. — Não pode ser recebido.

Desci o escadório, derreado, a pensar que de tamanhas alturas mal se pode ver e assistir o Pobre, baixinho como sempre caminha, derreado como eu. E fui prò Rossio esperar o comboio.

ORA como o Pão dos Pobres anda agora na rua e a fama dele nos jornais, tenho cismado que talvez alguém da Assistência o tenha comprado para ler e que, arrependido, me chame para falar. Não que o livro traga nada de novo nem de original nas suas regras; muito menos que seja lição para os mestres; mas sim por ser uma demonstração de que, no que toca à assistência ao Pobre, o que menos interessa é o dinheiro; sendo somente necessário o amor dos que imerecidamente sofrem, mai-lo amor às pancadas que deles e por causa deles sofremos. Pode muito bem suceder que esta doutrina, sendo muito é, constitua novidade e espanto para os senhores da Assistência e daí venha que eles me chamem para falarmos. Esta forma de assistir o Pobre, meu senhor, é realmente muito dura; por isso mesmo têm os homens inventado outros assistências mais fáceis e mais vistosas — só para tornar mais dura a sorte dos Assistidos e dos Assistentes.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

A inteligência do Social à luz do Evangelho

Continuação da página 1

que bebia e não ligava, foi para o Algarve há alguns meses. A situação desta família já foi caso jornalístico que despoletou ajudas, porventura até pouco equilibradas, que não resolveram o problema destas crianças. Os meninos continuaram por lá, naturalmente sem aproveitamento escolar. As meninas com comportamentos já carregados de sombras. O irmão mais velho ia evitando o pior. Os pais, esses levam a vida que lhes apetece na irresponsabilidade dos seus deveres, na permanência dos seus direitos, livres como o vento.

Custa a crueza destes quadros. Mas eles são. São hoje, mais crus e frequentes que há meio século, a conferir, desgraçadamente, actualidade plena à palavra-desafio de Pai Américo: «Se alguém com inteligência e prestígio quisesse fazer no mundo algo de grande e de construtivo, podia gastar a sua vida, proveitosamente combatendo a imoralidade»; fazendo, «para estes casos, lei que obrigasse quem se não obriga em consciência». (...) «Esta lei não endireitava o mundo, mas dificultava o crime, porquanto é certo que o medo tem a sua força».

Padre Carlos

PASSO A PASSO

Outra vez o Toninho...

FOMOS dar um passeio em domingo de manhã. O jardim é local muitas vezes escolhido. É a relva bem tratada e o lago com os patos; são as árvores e os caminhos. Uns minutos em espaço diferente e agradável.

Já regressávamos ao carro e... — «está ali um passarinho!», aponta o Toninho. De novo e pequeno que era, com dificuldade se movimentava no meio da relva. O «vai buscá-lo» foi mola que impulsionou o rapaz para o meio do relvado. Sem grandes dificuldades, encheu a mão com a ave. Mas muito de leve, pois o pássaro com facilidade lhe

escapava. Depois, só a camisola foi ninho até chegarmos a casa.

«Vou apanhar minhocas para o passarinho!», planeava no caminho. «Ele come migalhas de pão?», perguntava o «Pimentinha». «Mete-lo numa caixa de sapatos e dá-lhe de comer!», resumi.

Que dia de alegria se apresentava para os «Batatinhas»...

Eis que chega o almoço. «Um senhor de fora tirou o passarinho do Toninho!», vem-me dizer o «Pimentinha». Olho para a mesa deles e vejo-o a chorar. Chamo-o: — Deixa lá, o passarinho também não era teu! Calhou de o encontrares! Uma festa, e voltou para o seu lugar. Passam uns segundos e o Toninho deixara de chorar...

Vida, liberdade, valores profundos do coração humano. Que respeito e admiração pela vida daquela avezinha que mal se tinha nas patinhas...

Encontro da vida com a

vida, embora a níveis de consciência e valor diferentes, mas que atracção! Como está gravado de forma indelével no coração do homem este desejo de comunhão de vida! Desejo de paz que aproxime todas as criaturas e lhes permita partilhar o afecto que as une! Desejo de felicidade...

Em liberdade... Mãos que sustêm mas não apertam, sinal claro de um respeito profundo pela vida de outro ser... Mesmo do pequeno passarinho...

Assim fez o Toninho.

Hoje foi dia de lição. Não intelectual mas intuitiva. Novas descobertas. Chorou por um amigo que foi embora. A vida chamará a novas experiências. O Toninho crescerá. Que a mão de Deus o sustenha com muito amor como ele pôs no acariciar da avezinha. E, um dia, o menino, o Toninho, poderá brincar junto da víbora e meter a mão na toca da serpente...

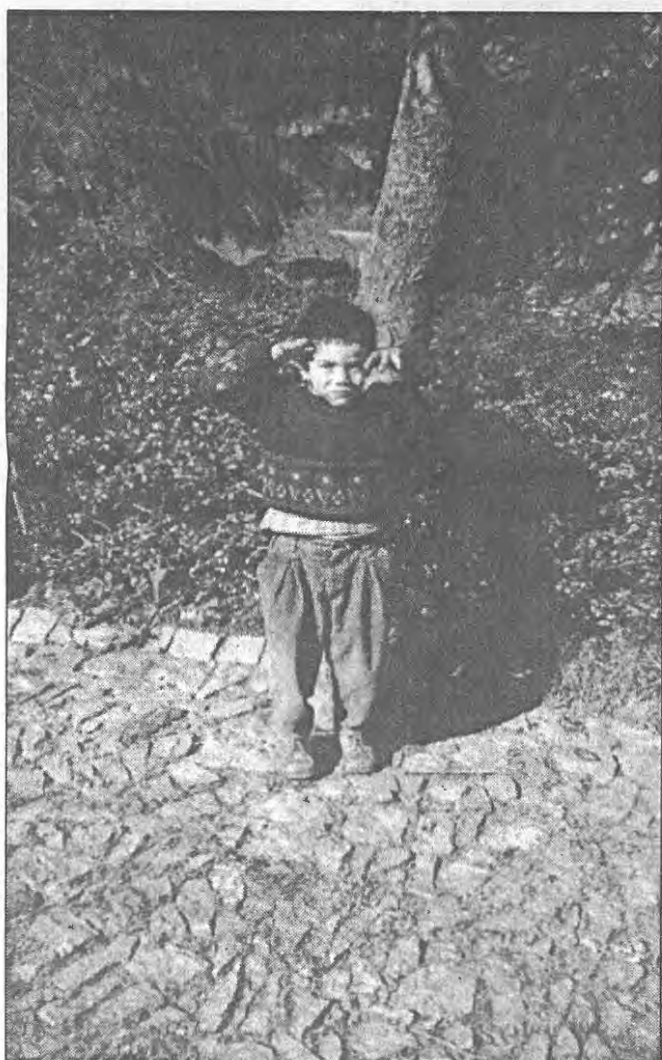
Padre Júlio

Uma carta

Elo de ligação

Tanto tempo passou após o falecimento de minha querida mãe (já lá vão oito anos) e a partir daí tenho vindo a receber igualmente O GAIATO em nome dela. Peço a mudança para o meu nome e direcção — mantendo o mesmo número de assinante. É mais um elo que me ligará a minha mãe. E sabe qual a razão? As saudades que tenho de a ouvir dizer, de cor; o seu número de assinante quando me pedia para regularizar a assinatura!

Assinante 1114



O «Pimentinha»

FESTAS

LISBOA

UM dos nossos rapazes que andaram a fazer a venda de bilhetes para a nossa Festa chegou a casa com este problema: «Houve pessoas que compravam o bilhete mas diziam que era só para ajudar porque não queriam ir à Festa. Fiquei com vontade de não lhes dar o bilhete porque a gente quer é que eles vão. Não acha?»

Perante o meu silêncio, continuou: «Se fossem todos assim, ficávamos com muito dinheiro, mas as pessoas não aprendiam nada». Continuei calado a olhar para o miúdo. Não sei se as pessoas aprendem ou não alguma coisa com as nossas Festas. Pelos testemunhos que temos escutado, parece que sim. Porém, o problema que o meu miúdo levantara era mais importante do que isso. Na sua forma ingénua e existencial estava levantado o problema da esmolinha e o problema do amor autêntico que se consubstancia na dinâmica do dar-e-receber.

Tenho encontrado vários miúdos de rua com quem entro em contacto que me garantem que a pedincha é

compensadora em termos económicos. Alguns chegam a afirmar que dá uma média de vinte a trinta contos diários. Uma história bem ou mal contada e abrem-se os cordéis à bolsa num gesto irresponsável sem se saber nem como nem onde irá ser gasto esse dinheiro. Talvez que quem deu tenha ficado com boa consciência de ter feito «uma boa refeição» e quem recebeu talvez tenha ficado todo contente com mais uns cobs nos bolsos. Fez-se uma transacção económica. Não me parece que tenha havido um gesto humano de solidariedade, faltando a comunicação entre pessoas. O que se passa a este nível muito baixo da ajuda pode também passar-se a outros como sejam as ajudas em termos afectivos. Há pessoas muito generosas que querem dar e dar-se com uma condição: que os outros sejam aquilo que elas querem, não se levantando nunca a questão de que talvez o outro também tenha algo para dar. Isto acontece muito na esfera familiar onde os pais dão tudo aos filhos mas têm muito pouco tempo para escutar os seus próprios filhos e deixarem-se maravi-

lhar por aquilo que eles têm para dizer, ou sobre as descobertas que vão fazendo na vida. De um lado encontra-se a ajuda, do outro apenas o ser-se ajudado numa dependência total de quem ajuda, deixando mesmo a sua condição de ser humano capaz de pensar e de se exprimir.

Ele percebe bem que tem necessidade de sermos ajudados. No entanto, dentro dele, havia uma consciência sensível que se queria afirmar. Sendo um dos intervenientes da Festa, sentia necessidade de mostrar quanto valia, que é capaz de fazer coisas bonitas, que tem dentro dele uma enorme riqueza que não se reduz a uns dinheiros. Tem necessidade dos outros e quer dar aquilo de que agora é capaz. Desejava estabelecer alguma comunicação com as pessoas. Precisa de receber, mas também quer dar.

Padre Manuel Cristóvão

Dia 28 de Maio, 15,30 h.
— Ginásio do Progresso Clube - ALGUEIRÃO
— Mem Martins;

Dia 4 de Junho, às 15 h.
— Cine 351 — LOURINHÃ;

Dia 11 de Junho, 15,30 h
— Salão dos Bombeiros Voluntários — TORRES VEDRAS;

Dia 15 de Junho, 21,30 h
— Salão B. Voluntários — FANHÕES.

SETÚBAL

É ao ritmo do tempo Pascal que vão decorrendo as nossas Festas. Elas são anúncio da Boa Nova e argumento irrefutável de que Ele vive.

«Põe aqui o dedo no stio dos cravos e as mãos no meu lado» — disse Jesus ao duvidoso Tomé.

Vem assistir a um espectáculo dos Gaiatos e verás que todas as perplexidades se desvanecem.

Ontem em Almada a Incrível encheu-se a não poder mais. Foi assim também na Quinta do Anjo e em Cabanas!

Os e as Catequistas vêm à pressa, antes do início, dar-me a feliz notícia: — *Trago o meu grupo de Jovens.* — *Olhe ali, aquelas duas filas são a minha catequese de adultos.* — *Estão cá todos*

os cursistas de Corroios.

Eu confirmo logo: — O espectáculo é uma boa lição de catequese. Chega mais fundo do que muitas conferências e é capaz de suscitar mudanças de vida e abraçamento de heroicidades!

O invisível torna-se manifesto, o abstracto concretiza-se e o conteúdo da fé responde claramente.

Que a Casa do Gaiato é família para os sem-família vai-se evidenciando à medida que o espectáculo se desenrola, como vai crescendo no íntimo de cada espectador uma onda de alegria pura dificilmente encontrada noutras circunstâncias.

São disso testemunho as expressões na despedida, no lanche final e nas sacrificadas ofertas nas capas!

O tema do ano passado era a influência da natureza na sublimação dos sentimentos dos Rapazes.

Eis como se expressa um Amigo no final da Festa:

«Eu vi-os actuar, vestidos a rigor!

Bailavam e cantavam, céus!, tão lindamente, Que tudo a paz soava... Sim! Era a semente, No palco a germinar, pela luz e pelo calor!

Às cavalitas, uns sustinham com amor,
Crianças doutros pais, que ali, alegremente,
Cansadas de sofrer, viviam irmãmente,
Felizes num jardim, que está sempre em flor!

Falaram-nos de si... Do pai que as acolheu...
Das vacas e da quinta, além da natureza...
Chamaram à razão... Fizeram o retrato,

Da forma de viver, no lar que Deus lhes deu...
Mostraram-nos a luz, a cor e a beleza,
Do seu reino de amor — a Casa do Gaiato!...»

Padre Acílio

27 de Maio — Teatro Aveirense — AVEIRO;

2 de Junho — Salão dos Bombeiros Voluntários — PINHAL NOVO;

3 de Junho — Club Recreativo Piedense — COVA DA PIEDADE;

10 de Junho — Gil Vicente — CASCAIS;

16 de Junho — Salão do Colégio Manuel de Melo — BARREIRO;

17 de Junho — Teatro Municipal João Mota — SESIMBRA.

Património dos Pobres

Os Pobres com pouco se contentam

FOMOS levar uma carrada de azulejo que fábrica de Ílhavo nos ofereceu. Ali indicaram onde havíamos de pedir ladrilho para o chão. Esperamos ser assim também atendidos. Queremos que estas casas fiquem com boas condições de limpeza. Cozinha, sala e quarto de banho com paredes revestidas de azulejo e todo o chão com ladrilho. Sem condições não se pode esperar asseio.

Parámos e descarregámos à porta do construtor. Homem e família que nos parecem sérios. No bairro todos lhe chamam *padrinho*. Bom sinal. A todos ele procura atender.

Arrumámos e fomos parar ao fundo do bairro. São seis famílias todas da mesma origem. São todos irmãos e assim se entendem. Até no desleixo! Não têm o mínimo de condições. Só tijolos e tábuas velhas, latas e sacos e papéis e restos de coisas.

Um carreirito acidentado e tortuoso nos conduz. Quando chove, há lama. Era ao fim da tarde. Ao aproximarmos-nos, deparámos com um quadro maravilhoso de carinho fraterno. Ia a chegar um dos irmãos que tem treze anos e agora anda a trabalhar como ajudante de pinhal. A entrada encontrou o irmão, de dois anos, só de camisita vestida e cuzinho sujo. Pegou nele no

colo e com a cara acariciou a do menino e conduziu-o para dentro. O menino anda sempre de ventre dilatado e aspecto enfezado. Temos recomendado à mãe que o leve ao médico, mas...

No pátio interior estava quase toda a família: mãe e sete dos nove filhos. O pai devia estar na taberna. A filha mais velha, ainda adolescente, está outra vez com o rapaz de quem já teve um aborto. Desgraças da vida que não são só desta gente!

A mãe rodeada dos filhos, os seus maiores amores. — *Todos vão ter um cantinho na casa nova.* Na semana passada teve uma pneumonia, mas, agora, diz já estar boa. Os Pobres são assim. Contentam-se com pouco.

Na cozinha, panela ao lume a fazer a ceia. Dentro dela, favas e ervilhas. — E o conduto?, perguntámos. Logo a mãe respondeu, mostrando as mãos: — *E é bem bom!* Ficámos boqueabertos com a resposta. Só favas e ervilhas. Antes tinha chegado um filho com pão dentro numa saca de plástico. Tantos olhos sorrindo a olharem o pão! — *É para o almoço de amanhã.*

A casa já está telhada e andam a assentar aros e a rebocar paredes. Esperamos que fique jeitosa, composta de cozinha, sala, três quartos, quarto de banho, escada para aproveitamento do sótão e ainda um pátiozinho interior.

É a primeira do bairro a que lançámos mãos. Esperamos fazer o mesmo às outras. Começámos pela família mais numerosa e mais degradada. Já nos falamos e sorriem. Contamos que estas melhores condições de vida os ajudem a promover-se. E contamos, também, com as tuas mãos dadas às nossas. Parece-nos ser este o caminho.

De regresso dialogámos mais uma vez acerca da vida desta gente. A ceia daquele e dos outros dias. Só favas e ervilhas condutadas pelas mãos. As lombrias no ventre destas crianças. A fome estampada nos seus rostos. Tantos farrapos estendidos no chão onde se deitam à noite. Tanta sujidade em todos os corpos. Tantas vidas à espera.

Era já tarde quando chegámos a casa para ceiar.

Padre Horácio



Queremos as moradias dos Autoconstrutores bem dimensionadas

MALANJE

14/4/95

É assim... Pouco a pouco a nossa vida se vai normalizando. Os chefes desunham-se: camaratas limpas, terreiros varridos e esta luta terrível contra o capim que, agora no cacimbo, deixou de crescer.

Também as canas de bambu, anzóis e peixes... Estes, poucos. Hoje apareceram dois no meu pequeno-almoço, pequenos, mas bem fritos e tão saborosos... Primícias.

15/4/95

Ontem foram embora dois irmãos. Que o trabalho era muito; «trabalho bué» e partiram.

O vício da rua quando se entranha é erva daninha; quando se puxa, parte e rebenta de novo. Temos que cavar bem fundo.

Em contrapartida vieram quatro pedir entrada. Admitimos somente o João. Logo na primeira noite lhe armaram a ratoeira dos gambozinos (que aqui se diz «pipardo ao saco»). Ele café e lá ficou no rio com o saco bem aberto, convicto de que ficaria cheio de pássaros. Um valente balde de água pela cabeça e ficou ele pinto escorrido.

Como nos velhos tempos, as cenas se vão repetindo.

16/4/95

A nossa Páscoa?
Aulas e exercícios de fim

de semestre — Sexta-feira Santa e Sábado — nas escolas da cidade...

Mas vimos o Senhor:

Senhor!
O teu silêncio de séculos na Tua cruz erguida é um mar imenso da terra ao infinito!

É ele que desce nos dias sem sol aos nossos corações; é luzinha brilhante nas noites de angústia!

Ele paga o salário justo, honra o Pobre e, nos longos estios, alimenta as fontes dos desertos!

Só Ele grita não!, à violência no mundo. É Ele a brisa das montanhas e a superfície lisa e prateada do mar!

Ele faz os santos e faz nascer entre os homens o amor e a partilha.

Somente Ele conduz pela vereda certa às colinas verdes, onde se transforma em música celeste!!!

Padre Telmo

PENSAMENTO

Quem quiser ganhar a Vida tem de perder a vida!

PAI AMÉRICO